

NICHOLAS SPARKS

*UMA PROMESSA PARA
TODA A VIDA*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

FERNANDA ABREU

ASA

CAPÍTULO 1

Na manhã do dia 29 de agosto de 1988, pouco mais de dois anos depois da morte da mulher, Miles Ryan estava de pé no alpendre traseiro de sua casa. Fumava e via o Sol aos poucos pintar de laranja o céu antes cinza. À sua frente, corria o rio Trent, cujas águas salobras estavam parcialmente ocultas pelos ciprestes da margem.

A baforada do cigarro de Miles subia em espirais, e ele conseguia sentir o ar mais denso por causa da humidade. Pouco depois, os pássaros iniciaram a sua cantoria matinal. Passou um pequeno barco, o pescador acenou e Miles retribuiu o gesto com um leve meneio de cabeça. Foi tudo o que conseguiu fazer.

Precisava de um café. Um cafezinho e estaria pronto para encarar o dia: levar Jonah à escola, garantir que a lei era cumprida na cidade, entregar ordens de despejo e lidar com tudo o que inevitavelmente surgiria – como, por exemplo, conversar com a professora de Jonah ao final da tarde. E isso era só o começo. À noite parecia ainda mais atarefado, se é que isso era possível. A simples manutenção da casa exigia um esforço enorme: pagar contas, fazer compras, limpar, consertar o que fosse preciso. Mesmo nos raros momentos em que se via com alguns momentos livres, Miles sentia que precisava de os aproveitar imediatamente, sob pena de perder

a oportunidade. Rápido, começa a ler qualquer coisa. Despacha-te, só tens uns minutos para descansar. Fecha os olhos, daqui a pouco já não terás tempo. Era o suficiente para deixar qualquer pessoa exausta, mas que podia ele fazer?

Precisava mesmo do café, a nicotina deixara de surtir efeito. Pensou em mandar os cigarros fora, mas, na verdade, não fazia diferença. Não se via como um fumador a sério. Fumava alguns cigarros por dia, sim, mas isso não era fumar a sério. Não consumia um maço inteiro por dia, nem fumara a vida toda; começara depois da morte de Missy. Podia parar quando quisesse, mas para quê? Os pulmões estavam ótimos – ainda na semana anterior tivera de correr atrás de um ladrão e não fora difícil agarrá-lo. Um *fumador* não o teria conseguido.

Pensando melhor, não tinha sido tão fácil como era quando tinha 22 anos. Mas isso fora há uma década e, embora, aos 32 anos, não fosse altura de começar a ver lares de idosos, estava a envelhecer. Dava para sentir: antigamente, na universidade, ele e os amigos começavam as noitadas às onze e só voltavam para casa no dia seguinte de manhã. Nos últimos anos, com exceção das noites em que estava de serviço, às onze horas era *tarde*; mesmo tendo dificuldade em adormecer, ia para a cama. Não conseguia pensar em nenhum motivo bom o suficiente para o fazer querer ficar acordado àquela hora. A exaustão já fazia parte da sua rotina. Mesmo nas noites em que Jonah não tinha pesadelos – acontecia, de vez em quando, desde a morte de Missy –, Miles acordava a sentir-se... cansado. Disperso. Com os movimentos lentos de quem se desloca debaixo de água. Na maior parte do tempo, atribuía esse facto à vida agitada que levava, mas às vezes perguntava-se se não teria algo grave. Lera certa vez que um dos sintomas da depressão era «uma letargia sem causa direta aparente». No seu caso, é claro que havia uma causa...

Miles precisava mesmo era de passar uns tempos numa casinha à beira-mar, em Key West, um sítio onde pudesse pescar rodovalho ou simplesmente descansar, baloiçar suavemente numa rede e beber

uma cerveja gelada, sem ter de tomar nenhuma decisão mais importante do que calçar sandálias ou caminhar descalço pela praia na companhia de uma mulher.

Isso também era parte do problema: a solidão. Estava cansado de estar sozinho, de acordar numa cama vazia, embora essa sensação ainda o surpreendesse. Só começara a sentir-se assim recentemente. No primeiro ano depois da morte de Missy, não conseguia sequer imaginar-se a amar outra mulher. Nunca. Era como se a necessidade de uma companhia feminina nem sequer existisse, como se o desejo, o sexo e o amor não passassem de possibilidades teóricas sem nenhuma relação com o mundo real. Mesmo depois de ter deixado a tristeza transformar-se em lágrimas noite após noite, a sua vida parecia-lhe simplesmente *errada* – como se estivesse temporariamente fora dos trilhos e não tardasse a voltar aos eixos, de modo que não havia motivos para se preocupar.

Afinal de contas, a maioria das coisas não tinha mudado. As contas continuavam a chegar, Jonah tinha de comer, era preciso cortar a relva. Miles ainda tinha emprego. Certa vez, depois de demasiadas cervejas, Charlie, seu chefe e melhor amigo, perguntara-lhe como era perder a mulher, e Miles respondera-lhe que, na verdade, não parecia que Missy tivesse morrido. Era mais como se ela tivesse ido passar um fim de semana fora com alguma amiga e ele fosse cuidar de Jonah durante a ausência dela.

O tempo passou e o entorpecimento a que se habituara também acabou por passar. E a realidade tomou o lugar dele. Por mais que tentasse avançar, Miles não deixava de pensar em Missy. Tudo parecia lembrá-la. Principalmente Jonah, que, conforme crescia, ia ficando cada vez mais parecido com a mãe. Às vezes, quando Jonah já estava na cama, Miles ficava à porta do quarto e conseguia ver a mulher nos traços do rosto do filho. Tinha de se virar antes que Jonah notasse as suas lágrimas. Mas aquela imagem permanecia durante horas na sua mente; adorava ver Missy dormir: os longos cabelos castanhos espalhados pela almofada, um braço sempre dobrado acima da cabeça, os lábios ligeiramente entreabertos,

o peito a subir e a descer suavemente ao ritmo da respiração. E o cheiro dela – Miles nunca o esqueceria. Sentado no banco da igreja na primeira manhã de Natal depois da morte da mulher, Miles sentira um leve vestígio do perfume de Missy. Bem depois do fim da celebração, ainda estava agarrado à dor como um náufrago a uma boia.

Agarrava-se a outras coisas também. No início do seu casamento, Missy e ele costumavam almoçar no Fred & Clara's, um pequeno restaurante situado na mesma rua do banco em que ela trabalhava. Era um lugar reservado, tranquilo, e de certa forma aquele aconchego fazia-os sentir que nada jamais mudaria entre eles. Não tinham ido muito lá desde o nascimento de Jonah, mas Miles começou a frequentar o restaurante de novo depois da morte dela, como se esperasse encontrar algum resquício daqueles sentimentos ainda preso aos lambris das paredes. Em casa, também administrava a vida como a mulher costumava fazer. Como Missy ia ao supermercado ao final da tarde de quinta-feira, ele fazia o mesmo. Como ela plantava tomates junto à lateral da casa, Miles também o fazia. Comprava até os produtos de limpeza que a mulher costumava usar. Em tudo o que fazia, Missy estava sempre presente.

Algures na primavera anterior, porém, isso começara a mudar. A mudança chegou sem aviso, mas Miles sentiu-a imediatamente. Estava a chegar ao centro da cidade de carro, quando deu por si a observar um casal jovem que caminhava de mãos dadas pelo passeio. E então, por um instante apenas, Miles viu-se no lugar daquele homem e imaginou que aquela mulher estava consigo. Ou, se não ela, *alguém*... alguém que o amasse não só a ele, mas também Jonah. Alguém que conseguisse fazê-lo rir, alguém com quem pudesse partilhar uma garrafa de vinho durante um jantar, alguém para abraçar, tocar e sussurrar baixinho ao ouvido quando as luzes se apagassem. Alguém como Missy, pensou, e a imagem da mulher trouxe-lhe imediatamente sentimentos de culpa e traição fortes o suficiente para expulsar o casal da sua cabeça para sempre.

Ou assim presumiu.

Mais tarde nessa mesma noite, logo depois de ir para a cama, deu por si a pensar no casal outra vez. E, embora a sensação de culpa e traição continuasse presente, não foi tão intensa quanto antes. E, naquele instante, Miles percebeu que tinha dado o primeiro passo, ainda que pequeno, na direção de finalmente aceitar a sua perda.

Começou a justificar essa nova realidade dizendo a si mesmo que agora era viúvo, que esses sentimentos eram normais e que ninguém discordaria dele quanto a isso. Ninguém esperava que passasse o resto da vida sozinho. Nos últimos meses, os amigos até se tinham oferecido para lhe apresentar alguém. Além disso, Miles sabia que Missy preferiria que ele se casasse novamente. Dissera-o por mais de uma vez – como a maioria dos casais, tinham feito a brincadeira do «e se» e, embora nenhum dos dois imaginasse que algo de mal lhes pudesse acontecer, ambos concordaram que não seria bom para Jonah crescer só com o pai ou a mãe. Também não seria bom para quem sobrevivesse. Ainda assim, parecia um pouco cedo demais para isso.

Conforme o verão foi passando, os pensamentos sobre encontrar outra pessoa começaram a tornar-se mais fortes e mais frequentes. Missy continuava no seu coração, continuaria para sempre lá, mas Miles começou a pensar mais seriamente em encontrar alguém com quem partilhar a vida. Esses pensamentos pareciam ganhar força noite dentro, quando consolava Jonah na cadeira de baloiço do alpendre – era a única coisa que parecia funcionar para os pesadelos –, e seguiam sempre o mesmo padrão. O *provavelmente conseguiria* encontrar alguém transformava-se em *provavelmente encontraria*, que por fim se tornava *provavelmente devia*. Porém, quando atingia esse ponto, o raciocínio voltava para *provavelmente não acontecerá*, por mais que ele quisesse pensar de maneira diferente.

O motivo estava no seu quarto.

Na estante, dentro de um envelope pardo volumoso, estava a pasta sobre a morte de Missy, o dossiê que Miles tinha preparado

para si mesmo nos meses subsequentes ao funeral da mulher. Guardava-o consigo para não se esquecer do que tinha acontecido e para se lembrar do trabalho que ainda tinha a fazer.

Guardava-o para se lembrar do seu fracasso.

Passados uns minutos, Miles apagou o cigarro no parapeito do alpendre e voltou para dentro de casa. Serviu-se do café de que precisava e seguiu rumo ao quarto do filho. Quando abriu a porta e espreitou, Jonah ainda estava a dormir. Ótimo, ainda tinha algum tempo. Foi para a casa de banho.

Abriu a torneira e o chuveiro chiou por uns instantes, antes de a água sair. Tomou banho, fez a barba e escovou os dentes. Enquanto se penteava, reparou mais uma vez que os cabelos pareciam mais ralos. Vestiu o uniforme de xerife à pressa, depois tirou o coldre do compartimento trancado acima da porta do quarto e prendeu-o à cintura. Já no corredor, ouviu Jonah mexer-se no quarto. Assim que Miles abriu a porta, Jonah ergueu os olhos inchados de sono para o pai. Ainda estava sentado na cama, com os cabelos revoltos. Acordara há meia dúzia de minutos.

Miles sorriu. – Bom dia, campeão.

Jonah ergueu a cabeça quase em câmara lenta. – Olá, pai.

– Pronto para o pequeno-almoço?

O miúdo esticou os braços e espreguiçou-se com um leve gemido.
– Podes fazer panquecas?

– Que tal *waffles* hoje? Estamos um bocado atrasados.

Jonah curvou-se e pegou nas calças. Miles tinha-as deixado prontas na véspera. – Dizes isso todos os dias.

Miles encolheu os ombros. – Tu atrasas-te todos os dias.

– Então acorda-me mais cedo.

– Tenho uma ideia melhor: e que tal ires dormir à hora que eu mando?

– A essa hora não estou cansado. Só estou cansado de manhã.

– Bem-vindo ao clube.

– O quê?

– Nada – respondeu Miles. – Não te esqueças de pentear o cabelo depois de te vestires – lembrou ao filho, apontando para a casa de banho.

– Não te preocupes – disse Jonah.

As manhãs seguiam quase sempre a mesma rotina. Miles pôs *waffles* na torradeira e serviu-se duma segunda chávena de café. Quando terminou de se vestir e apareceu na cozinha, Jonah tinha um *waffle* à espera no prato, com um copo de leite ao lado. Miles já o tinha barrado com manteiga, mas Jonah gostava de ser ele a pôr a calda. Miles começou a comer o seu *waffle* e, durante um minuto, nenhum dos dois disse nada. Jonah ainda parecia desligado e, embora precisasse de conversar com o filho, Miles queria que ele pelo menos parecesse desperto.

Após alguns minutos de silêncio cúmplice, Miles finalmente pigarreou.

– Como vai a escola? – perguntou.

Jonah encolheu os ombros. – Tudo bem.

Este diálogo também fazia parte da rotina. Miles perguntava sempre como ia a escola; Jonah respondia sempre que estava tudo bem. Contudo, naquela mesma manhã, quando preparava a mochila de Jonah, Miles encontrara um recado da professora pedindo a sua comparência na escola naquele dia. Algo nas palavras escolhidas o deixara com a sensação de que aquilo era mais sério do que uma reunião normal entre pais e professores.

– Tudo bem nas aulas?

Jonah encolheu os ombros. – A-hã.

– Gostas da professora?

Jonah assentiu entre duas dentadas. – A-hã – repetiu.

Miles aguardou, para ver se Jonah tinha algo a acrescentar, mas não. Aproximou-se.

– Então porque é que não me disseste nada sobre o recado que ela mandou?

– Que recado? – perguntou ele, de forma inocente.

– O que está na tua mochila, o que a professora queria que eu lesse.

Jonah tornou a encolher os ombros. – Devo-me ter esquecido.

– Como é que te esqueces de uma coisa destas?

– Sei lá.

– E sabes porque é que ela quer conversar comigo?

– Não... – Jonah hesitou e Miles percebeu imediatamente que o filho não estava a dizer a verdade.

– Filho, tens algum problema na escola?

Jonah pestanejou e olhou para cima. O pai só lhe chamava «filho» quando ele fazia alguma asneira. – Não, pai. Eu nunca me porto mal. Juro.

– Então o que é que se passa?

– Sei lá.

– Pensa um bocadinho.

Jonah remexeu-se na cadeira, sabendo que tinha chegado ao limite da paciência do pai. – Bom, talvez tenha um pequeno problema com alguns deveres.

– Pensei que tinhas dito que estava tudo bem na escola.

– Mas *está* tudo bem na escola. A professora Andrews é boa e eu gosto da escola. – Fez uma pausa. – Mas é que, às vezes, não percebo tudo na aula.

– É para isso que andas na escola, para aprender.

– Eu sei – respondeu Jonah –, mas ela não é como a professora do ano passado. Os deveres que ela passa são *díficeis*. Às vezes não consigo simplesmente fazê-los.

Jonah pareceu ao mesmo tempo assustado e envergonhado. Miles estendeu a mão e tocou no ombro do filho.

– Porque é que não me disseste que tinhas dificuldades?

Jonah demorou muito tempo a responder.

– Porque não queria que ficasses zangado comigo – disse, por fim.

*

Depois do pequeno-almoço e depois de se certificar de que Jonah estava pronto, Miles ajudou-o a pôr a mochila às costas e conduziu-o até à porta de casa. Jonah não tinha dito grande coisa desde o pequeno-almoço. Miles baixou-se e deu um beijo no rosto do filho. – Não te preocupes com aquilo de hoje à tarde. Vai correr tudo bem, OK?

– OK – balbuciou Jonah.

– E não te esqueças de que te vou buscar. Não apanhes o autocarro.

– OK – repetiu o miúdo.

– Adoro-te, campeão.

– Também te adoro, pai.

Miles ficou a observar o filho caminhar até à paragem do autocarro escolar no fundo do quarteirão. Sabia que Missy não teria ficado surpreendida com os acontecimentos daquela manhã. Ao contrário dele, Missy já saberia que o filho estava com dificuldades na escola. Missy cuidava daquele tipo de coisas.

Missy cuidava de tudo.

CAPÍTULO 2

Na noite anterior à reunião com Miles Ryan, Sarah Andrews fazia a sua caminhada pelo centro histórico de New Bern, tentando manter um ritmo constante. Embora quisesse aproveitar ao máximo o exercício – havia cinco anos que era uma praticante assídua –, sentia dificuldade em cumpri-lo desde que se mudara para lá. Sempre que saía, descobria alguma coisa nova que a interessava, algo que a fazia parar para ver.

Fundada em 1710, New Bern ficava nas margens dos rios Neuse e Trent, no Leste da Carolina do Norte. Como era a segunda cidade mais antiga do estado, já tinha sido capital e abrigava o Palácio Tryon, residência do governador nos tempos coloniais. Destruído por um incêndio em 1798, o palácio fora restaurado em 1954 e tinha hoje um dos jardins mais deslumbrantes do Sul do país. Na primavera, as tulipas e azáleas espalhadas pela propriedade floresciam e, no outono, os crisântemos desabrochavam. Sarah tinha feito uma visita guiada assim que se mudara e, apesar de não ser outono nem primavera, saíra do palácio com vontade de morar perto o suficiente para poder passar todos os dias pelos seus portões.

Mudara-se para um apartamento pitoresco na Middle Street, a poucos quarteirões do palácio, bem no centro da cidade. O apartamento ficava ao cimo de umas escadas e a três portas da farmácia

na qual, em 1898, Caleb Bradham tinha começado a vender a bebida que mais tarde o mundo inteiro conheceria como *Pepsi-Cola*. A igreja episcopal, inaugurada em 1718, ficava na esquina. Era uma imponente construção de tijolos protegida por imensas magnólias. Quando saía de casa para fazer a sua caminhada, Sarah passava tanto pela farmácia como pelo palácio, até chegar a Front Street, onde muitas mansões bicentenárias se mantinham graciosamente de pé.

O que ela mais admirava, porém, era o facto de a maioria das casas ter sido cuidadosamente restaurada, uma a uma, ao longo dos últimos 50 anos. Ao contrário de Williamsburg, na Virgínia, onde as restaurações ocorreram, em grande parte, graças a uma doação da Fundação Rockefeller, New Bern apelara aos seus cidadãos e eles tinham respondido à chamada. Aquele sentido de pertença a uma comunidade atraía os pais de Sarah para a cidade, quatro anos antes; já ela não sabia nada sobre New Bern antes de se mudar em junho.

Enquanto caminhava, pensava em como New Bern era diferente de Baltimore, em Maryland, onde nascera e crescera, onde morara até há poucos meses. Embora tivesse uma história rica, Baltimore era, acima de tudo, uma cidade grande. New Bern, por sua vez, era uma cidadezinha do Sul, relativamente isolada e quase sem interesse em acompanhar o ritmo cada vez mais frenético da vida noutros lugares. Ali, as pessoas acenavam ao vê-la passar e respondiam longa e demoradamente às suas perguntas, muitas vezes fazendo referências a pessoas ou acontecimentos dos quais Sarah nunca ouvira falar, como se tudo e todos estivessem de alguma forma ligados. Geralmente era agradável, mas às vezes aquilo deixava-a louca.

Os pais tinham-se mudado para ali quando o pai fora trabalhar como administrador do Centro Médico Regional Craven. Depois de Sarah se divorciar, começaram a insistir para que a filha também fosse morar para lá. Conhecendo a mãe, ela tinha adiado a mudança por um ano. Não que Sarah não amasse a mãe, mas ela